

Suplemento Cultural

FREI GREGÓRIO – Um Homem de Deus em Campo Grande

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO
– presidente da ASL

O maior desafio na minha modesta produção literária foi, indubitavelmente, a elaboração dos textos do livro sobre a vida do Frei Gregório de Protásio Alves – “UM HOMEM DE DEUS EM CAMPO GRANDE.”

Conversando com o saudoso D. Antonio Barbosa, arcebispo da Diocese de Campo Grande, em 1989, informando-lhe dessa minha intenção, ele, com palavras dóceis e aconselhativas, disse: “Grande é a responsabilidade de quem escreve. Agitar idéias é mais grave do que mobilizar exércitos. O soldado poderá semear os horrores da força bruta desencadeada e infrene; mas enfim o nem se embota com os anos. A lâmina do guerreiro só alcança os corpos, pode mutilá-lo, mas não há poder de braço humano que dobre as almas. Pela matéria não se vence o espírito. A idéia do escritor é mais penetrante, mais poderosa, mais eficazmente conquistadora. Vai direto à cidadela da inteligência.

Grande sempre é a responsabilidade de quem escreve! Mas se é religioso o livro que se atira às multidões, essa responsabilidade assume quase proporções infinitas. Semear idéias religiosas, até mesmo tratando-se da biografia de



FREI GREGÓRIO – Autêntico “homem de Deus”, fundou, entre outras, a Igreja N. S. de Fátima, no B. Monte Líbano, em Campo Grande-MS

um sacerdote, é dirigir consciências. Há possibilidade de consequências positivas e negativas. Como, também, há de tremar a mão do escritor que se define a tamanho empreendimento humano e divino”.

– “Vá em frente...”

D. Antonio Barbosa faleceu no dia 03 de maio de 2008. O livro foi lançado em 2003, com 210 páginas, 110 fotos e achou guarida nos corações dos leitores que amam e acreditam na missão de um sacerdote.

O Frei Gregório nasceu na cidadezi-

“

Apontando para as lindas flores, Frei Gregório acrescentou: ‘O primeiro jardineiro foi nosso primeiro Pai, o próprio Deus, que plantou o jardim das delícias e nele colocou nossos antepassados’”

na de Protásio Alves, na região noroeste do Rio Grande do Sul, no dia 20 de março de 1915. Aos 14 anos decidiu ser um servo de Deus, indo para o seminário de Veranópolis (RS) onde, com arrojo e determinação, 16 anos depois, recebeu a tão sonhada ordenação para ser sacerdote da Ordem dos Capuchinhos, pelas mãos do diretor do seminário; corria o ano de 1940. Agora, como padre, assumiu a Paróquia de Cacique Doble (RS). Em 1942, muito alegre, recebeu a Paróquia de Sanaduva (RS), que não somente administrou, como também construiu a Matriz de São João

Batista. No ano de 1951, transferido, rumou para Votuporanga, Estado de São Paulo, onde assumiu a Paróquia de N.S. Aparecida, ali permanecendo até 1955.

Designado para evangelizar o sul de Mato Grosso, o nosso herói chegou a Campo Grande no natal de 1956. Enviado para ser sacerdote em Maracaju, em 1957, construiu, em três anos de labor, a Matriz de N. S. Aparecida de Maracaju e várias capelas. Voltando para Campo Grande, em 1961, começou a trabalhar num terreno comprado pelos capuchinhos com a irremovível intenção de construir uma Igreja para N. S. de Fátima, no desconhecido bairro Monte Líbano. Em 1964 foi lançado a Pedra Fundamental e dez anos depois (1974) a Matriz de N. S. de Fátima foi inaugurada, por ele e D. Antonio Barbosa (arcebispo de Campo Grande).

Falecido no dia 28 de outubro de 2008, o Frei Gregório de Protásio Alves é considerado um dos mais consagrados e produtivos sacerdotes que Mato Grosso do Sul conheceu.

Aprendi muito, nesses quase dez anos que dediquei parte do meu tempo a entrevistá-lo, a ouvi-lo falar de Deus e de seu apego a N. S. de Fátima, a se comportar como um pai para os pobres, um protetor para as viúvas e órfãos, um consolador para os infelizes, um verdadeiro pastor cheio de ternura pelas ovelhas do Senhor. Tinha a alma repleta de doçura e compaixão, não co-

nhecendo limites a caridade para com os cristãos pobres.

Numa tardinha, conversando na orla do jardim que dava acesso ao Seminário de N. S. de Fátima, fitou-me mansamente e exclamou: “O Filho de Deus veio nos ensinar a ser santos. Este deve ser o maior desejo do homem. Ser santo é o verdadeiro ser, porque é o que há de permanecer por toda a eternidade. Ser santo é o maior e o mais bem afortunado dos homens”.

Com a mão direita espalmada no meu ombro esquerdo caminhamos para o meio do jardim. Apontando para as lindas flores, acrescentou: “O primeiro jardineiro foi nosso primeiro Pai, o próprio Deus, que plantou o jardim das delícias e nele colocou nossos antepassados. Foi no jardim das Oliveiras que o nosso Salvador mais gostava de retirar-se com os seus discípulos. Foi no jardim que o sepultaram. Foi num jardim que as santas mulheres o procuraram morto – e o encontraram ressuscitado. Em cada um de nós é a alma um jardim de Deus, que devemos cultivar e vigiar cuidadosamente.”

Assim era o amigo Frei Gregório. Dono de uma pedagogia religiosa inimitável, de uma pureza, de uma virtuosidade, de uma sapiência celestial que iluminaram e abençoaram meus dias e de milhares. A sua simplicidade, docilidade e humildade fizeram-no ganhar a amizade, o respeito e a afeição dos filhos de Deus em Mato Grosso do Sul.

POESIA

O POETA DAS COISAS

(A Manoel de Barros – *in memoriam*)

De Barros, Manoel se apresenta ao céu. Simples como o chão, as águas, e a sobra das coisas sem nome para servir de importâncias. Das pedras lhe serviu o limo viscoso, para o nascimento do poema. E o passarinho abriu seu canto num chilrear vestido de árvore. E em suas asas, no azul mais azul, levou o sorriso de tantas coisas e pré-coisas encantadas de sol. Palavras brincando de desarrumar, para empilhar a sabedoria da vida num colear de sonhos e poesias. Verdades e mentiras tão irmãs, tão inúteis, para entender o lume de um vagalume abastecido de escuro. E o silêncio calou sua voz na garganta de um passarinho tão acostumado de brisa, para ser eterno, e ouvir o mar numa concha de pérolas que fertiliza os amanhã. Tu és imortal em suas lavras, e teus poemas caminham iluminando o chão cantado por ti.

ELIZABETH FONSECA

A JUVENTUDE DE UMA POESIA

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Há cinco lustros, mais ou menos, que comecei a ler, com todo interesse, a obra de Mário Quintana.

Eu morava na Vila do IAPI, estudava Letras na PUC, que ainda era na Av. Independência, onde hoje está o Colégio Rosário, e deliciava-me com os excepcionais sonetos de “A Rua dos Cataventos”.

Achava-os e acho-os simplesmente geniais. O soneto é o conteúdo poético condensado na melhor forma artística. Preocupou-me, às vezes, que ele poderá, um dia, desaparecer devorado na voragem dos tipismos de poesia branca, aparentemente mais fáceis.

Digo de propósito aparentemente mais fáceis, porque, na realidade, a poesia branca, que alguns autores continuam chamando de prosa-poética e outros, de poesia-prosa, requer também arte e muita arte.

Não é qualquer frase mal alinhavada, sem métrica e sem rima, que deva ou possa ser batizada de poesia moderna.

Em “Poetry and Imagination”, Ralph Emerson afirma expressamente: “A poesia é o esforço para exprimir o espírito das coisas, para

penetrar no corpo humano e procurar a vida e a razão que o faz existir”.

Poesia, já se disse, é mensagem, é conteúdo, é luz, é alma. O poeta serve-se da matéria, como inspiração. Canta-lhe os diversos ângulos, na vida humana, com arte, para dar o seu recado e, por isso, de certa maneira, todo poeta é um espiritualista. Sofrimentos, ilusões, esperanças, torturas, beleza constituem a confissão dos poetas. Mas ele, por mais complicado e enigmático que pareça, é sempre um simples e um puro.

O poeta Antônio Papi Neto, em seu livro: “Epopéia de Ilusões” assim fala: “Tenho um coração adulto, porém de uma criança...”.

A poesia de Mário Quintana não envelhece, permanece uma criança, passando por todos os estágios da inspiração e assimilando, absorvendo as épocas, numa permanente sementeira de luz, ressumbrando juventude, esperança e renovação: “Juventus in senectute”.

“Em cada nuvem pus um concerto de música.

Mandei soltar confete pelo céu azul”.

“Não me constranjo de sentir-me

alegre,

De amar a vida assim, por mais que ela nos minta...”.

Pode a vida não durar sempre para o poeta, pode ela não ter contínuos reflexos de sol – pois quem quiser encontrar em Mário Quintana amarga tristeza e espessas sombras, encontra-las-á – e, de fato, há momentos em que ele morre em cada minuto de suas composições, mas o que importa é a teimosia em viver, a esperança que não se frustra, o amor que ressurgem numa constante afirmação de si mesmo.

“Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos”.

“Oh! Não há nada como um pé depois do outro...”

Ele próprio relata que, certa vez, Érico Veríssimo o aconselhou a escrever sempre no presente do indicativo, porque dá mais vida à ação... no entanto, prossegue o poeta, Fausto Cunha notou que ele tinha preferência pelo pretérito imperfeito. E explica: “... o pretérito imperfeito não é um tempo morto, é um tempo continuativo...” (...)

CABELEIRA

RAQUEL NAVEIRA

A moça estava sentada à minha frente no ônibus. Os cabelos longos, castanhos como mel, desabando em cachos. Que cabelo lindo, pensei, parece que tem ânimo próprio, balançando a um leve meneio da cabeça.

Não é à toa que na história bíblica de Sansão, ele perdeu toda a sua força quando Dalila cortou seus cabelos. Uma cabeleira como essa tem poder de sedução e, com certeza, essa jovem se sente confiante para amar e ser amada.

Baudelaire, o poeta maldito, escreveu um poema chamado “A Cabeleira”, versos tórridos e eróticos em que ele canta os cabelos negros da mulata Jeanne Duval, a sua “Vênus Negra”. Diz que o cabelo dela é toão deslizando até a nuca; que, de noite, enche de êxtase e perfume o quarto inteiro; que é mar de ébano, contendo um sonho de remadores, naus, bandeiras e mastros; que é pavilhão de trevas. O poeta se embriaga das essências de “vago óleo de coco, almíscar e alcatrão” exaladas dos cabelos da musa. Semeia pérolas, rubis e safiras pelas mechas ondulantes.

Num dia desses, convencida que um corte curto me deixaria mais nova, cortei o cabelo. Depois veio o arrependimento. Sou romântica, amo cabelos compridos. Lamentei então minha juventude perdida, quando eu sacudia a crina como égua musculosa. Lamentei não ser mais princesa usando tiaras, arrastando o cabelo como a cauda de um cometa. Lembrei-me daquele véu natural, pura potência, com que eu penetrava câmaras ardentes. Sim, arrependi-me de ter cortado o cabelo. Não importa que ele esteja branco, um pouco seco. Poderia penteá-los em forma de coque, com a gravidade de uma mulher bela e digna que envelhece.

À minha frente, ignorando meu drama e minha finitude, segue a moça com sua cabeleira castanha. A luz da manhã põe reflexos dourados nos fios. O ônibus lotado para. Ela desce, de repente. Os cabelos dançam às suas costas, com vitalidade. Pena que não vi seu rosto.

(Crônica contida no site www.revistatopvitrine.com.br)

Vultos De Nossa História: Calógeras

ARASSUAY GOMES DE CASTRO

João Pandiá Calógeras – engenheiro, político e historiador brasileiro – 1870/1934. Formado pela Escola de Engenharia de Minas Gerais, Ouro Preto. Realizou pesquisas geológicas no Estado de Santa Catarina com o objetivo de localizar as jazidas de carvão mineral nas localidades de Criciúma e Tubarão. Na época, nas funções de engenheiro de minas, elaborou o projeto para a exploração de jazidas de calcário, no triângulo mineiro. Como jornalista publicava nos jornais e revistas do Rio de Janeiro, assuntos de sua especialidade. Foi diretor de Secretaria de Agricultura em Minas Gerais, ocasião em que foi eleito deputado federal apoiado pe-

lo Partido Republicano Mineiro, em 1899. Viajando pela Europa, proferiu na Sociedade Geográfica e Comercial da França, em Paris, uma vibrante conferência sobre a situação econômica brasileira. A convite do Barão do Rio Branco, representou nosso país na 3ª Conferência Panamericana realizada no Rio de Janeiro, no ano de 1906. No Parlamento Nacional debateu os problemas do nosso aparelhamento bélico, assunto que pesquisou profundamente. Ministro da Agricultura no governo do presidente Wenceslau Brás, incrementou a produção do tabaco e do algodão, organizando e implantando o crédito agrícola junto ao Banco do Brasil. A seguir ocupou o cargo de Ministro da Fazenda, ocasião em que realizou uma firme campanha de moralidade administrativa. No ano de 1919, logo após o término da primeira guerra mundial, substituiu Epitácio Pessoa na chefia da delegação brasilei-

ra à Conferência de Paz, chefiando no mesmo ano a missão comercial brasileira que visitou a Inglaterra. Durante o governo Epitácio Pessoa, fato inédito na História de nosso país, foi ele o primeiro civil a ocupar as elevadas funções de ministro da Guerra, ocasião em que, tendo conhecimento dos incansáveis trabalhos que vinham sendo realizados pelo então Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, convocou-o para supervisionar os trabalhos da construção dos prédios que deveriam abrigar a Nona Região Militar em Campo Grande. Estes prédios, situados nas avenidas Afonso Pena e Duque de Caxias, próximos do local onde hoje está a sede do Comando Militar do Oeste, foram levantados graças ao apoio daquele grande brasileiro, ao qual os campo-grandenses tanto devem.

Em sua homenagem, os prefeitos que administravam a nossa cidade deram-lhe o nome de uma bela e

movimentada via pública: a Avenida Calógeras; a estrada de ferro Noroeste do Brasil perpetuou-lhe o nome em uma parada ferroviária sita nas proximidades do Quartel do 18º Batalhão Logístico: a Parada Calógeras. E a intendência municipal mandou erguer um busto que está em uma das entradas da Praça Ary Coelho de Oliveira.

Com a publicação deste artigo, pretendemos resgatar a memória do notável brasileiro que tanto fez pelo nosso Estado e de maneira especial para Campo Grande, que tanto amou e que lhe pôde compreender, já naquela época, toda a extensão de sua pujança, dada a sua posição geográfica de cidade pólo, predestinando-a desde então para ser a capital de um novo Estado. Calógeras foi, portanto, um dos precursores da divisão do Estado de Mato Grosso e da criação da Nona Região Militar aqui instalada, um fato incontestável para essa conquista.